

Transcrição de Vídeo - Roberto Mendes da Silva

Eu sou Roberto Mendes da Silva, trabalho no Auditório Claudio Santoro. Eu sou nascido e criado em Campos do Jordão, e eu tenho aqui 30 anos de serviço, como vigilante eu trabalhei de 20 a 22 anos, e eu tenho de 10 a 12 anos de porteiro. Eu comecei aqui foi em junho de 89, que daí julho teve o primeiro Festival no caso, inclusive eu tive a felicidade de tirar a primeira foto minha aqui, na frente do Auditório. Na realidade, eu nem sabia aonde que era o Auditório eu fiquei sabendo que o Auditório era aqui porque quando eu sai deste trabalho que eu pedi a conta, que o patrão falou: “Não, pode ir se você arrumou outro serviço lá não tem problema né. Você vai trabalhar no Auditório e gostou do lugar lá, então vai mesmo.” Só que eu não sabia onde era o Auditório, eu vim conhecer ele aqui, quando eu vim trabalhar aqui.

Várias vezes eu vinha aqui assistir, gostava, trazia minha esposa né. A orquestra a gente vinha de vez em quando né, agora tinha, as vezes tinha show de fora assim, de fora do festival, tinha aquelas pessoas, os artistas que acompanhavam a orquestra né, a Fafá de Belém por exemplo, ela teve aí acompanhando uma orquestra, Milton Nascimento, esse a gente viu no corredor aqui, que a gente estava no corredor ali né. Vários artistas, o Moraes Moreira eu lembro dele, Sérgio Reis, teve Almir Sater, exatamente eu cheguei a ver ele aí. Os mais engraçados por exemplo, é o pessoal que vinha fazer palhaçada aqui né, que são esse dia do circo, no caso, a gente falava que era do circo, mas não é era o show dos palhaços mesmo né, que eles falavam, então eu vim várias vezes mesmo com a minha família assistir né, o como é que fala lá é, o Pururuca aquele Palhaço Pururuca, e a gente ria né, era muito legal. O que emocionou a gente foi um show que a gente veio assistir né, do conjunto ABBA né, então a gente veio e foi uma maravilha eu e as minhas crianças nós nunca assistimos um show gostoso igual nós assistimos do conjunto ABBA aqui, aquilo foi uma maravilha falei a única coisa que me emocionou aqui.

No alojamento era assim, a gente ficava lá e recebia né os bolsistas lá e eles vinham já com o pessoal que comandava junto com eles e ficava fácil né, porque a pessoa chegava e se apresentava e falava: “Esse aqui é o ônibus dos bolsistas que chegou vai ficar aqui alojado”, e a gente já tinha a informação daqui de baixo tudo né, ficava fácil, a gente só recebia o pessoal, e os bolsistas também mesmo aqueles estrangeiros conversava com a gente, se a gente conseguia entender eles. Lá em cada lugar lá, tinha um, dois bolsistas ensaiando aqueles né, aquelas coisas deles lá, os instrumentos aquelas coisas deles lá, era bacana, ficava assistindo lá era uma maravilha. Os maestros quando estava assim que eles pegavam amizade com a gente, que eles já conheciam a gente que ficavam na porta, eles vinham eles cumprimentavam a gente né, então tinha esse lado bom também da, das pessoas deles né. Eles conheciam a gente ali então eles pegavam e acabavam tendo aquele passava, conversavam, falavam com a gente.

Tem uma diferença sim sobre público né, o público já foi, já é bem mais baixo né, porque eu não tenho mais assistido aqui embaixo o público que vem aqui no festival, mas eu não sei como antigamente, porque antigamente tinha vez que nem cabia gente entrar aqui, mesmo de a pé as vezes a pessoa vinha para entrar e não consegui assim na porta né, a pessoa pegava e saia fora porque não tinha jeito, não tinha como entrar mais. Tinha orquestra aqui que dava o que, a orquestra de Campinas mesmo, acho que chegou a dar 1500 pessoas aqui dentro do Auditório. O Eleazar de Carvalho também a turma gostava muito, porque dava

bastante gente, você olhava você via a base de 1200, mil e cento e poucas pessoas. Sentados no degrau, aonde estivesse espaço, estava, de pé aqui no canto aqui.

A o museu teve de uma época para cá mudou bastante, principalmente desse tempo da Portinari né, que está tomando conta aí mudou muita coisa, eu achei que está bem mais cuidado do que antes da Portinari. Não tinha essas orientações que hoje tem educador tudo para né, orientar as pessoas, o que que pode fazer, o que que não pode, onde que pode ir, onde que não pode, é legal, a gente vê isso é uma evolução mesmo do Auditório é legal. A Felícia eu cheguei a ver ela uma vez. Uma vez ela chegou aqui, na época a Dona Ivone que ainda era a diretora daqui, aí ela saiu com ela para o jardim aí a gente fazendo ronda a gente passou por ela e tudo, ela cumprimentou a gente, mas já estava bem né, idosa já né, ela era pequenininha era, era a tal da polonesa pequenininha mesmo.

Eu tenho dois filhos, um casal, eles vêm sempre aqui, ah meus filhos gostam né porque eles sabem que eu gosto muito de natureza, isso já é desde quando eles nasceram eles já sabiam né. Que a natureza é comigo mesmo, ah as vezes eu falo para minha esposa, se eu tivesse condições de e pudesse eu queria comprar um lugar para mim na beira do mato assim, onde eu podia ficar bem à vontade com a natureza. Medo de animal eu não tenho não, sinceramente eu vou falar para vocês. Ah macaco, é esses veadinhos que tem aí no mato sempre passam lá no alojamento, em frente lá passa direto e jacu né, é como é que fala, esses dias a minha menina disse que estava descendo, ali na rua atravessou um tamanduá, ela chegou a ver um tamanduá ali atravessando ali, então, tem bastante bichos aí né, então de vez em quando a gente vê algum. O alojamento mesmo ele está no meio da natureza, então, quer coisa melhor do que se trabalhar aqui num lugar desse né, o auditório por exemplo. Ah eu senti a coisa mais gostosa da vida eu falei nossa é aqui mesmo, quando eu vi a estava no meio da natureza, falei: “Ah se Deus quiser daqui eu não quero sair mais” e olhe, aí foi aonde eu estou até hoje. E gosto muito, parei de vigilante continuei de porteiro e também o pessoal gostou do trabalho da gente né, a gente vai tocando.